

Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio em Técnico em Informática

Abner Franklin de Oliveira
Emanuela Amabile Gomes Pereira
Hillary Moreira Barbosa
Kaique Kalil Santos Pereira
Sarah Cristina Xavier Costa

A MULHER NEGRA NO MERCADO DE TRABALHO

Resumo: Que a mulher negra lutou bravamente pelos seus direitos e até hoje luta, já sabemos, infelizmente há décadas essas mulheres buscam por direitos, porém enfrentam problemas até hoje. subjugada pela cor e gênero e a concepção que existem classes superiores e inferiores, essa é a mulher negra, sempre condenada por nada. A ingresso da mulher no mercado de trabalho foi difícil e para entender a situação temos que rever um pequeno fato histórico da sociedade brasileira, que foi totalmente hierarquizada e os papéis rigidamente diferenciados que mostrava a diferença racial na época colonial e mesmo pós abolição sofreu do mesmo jeito até chegar no que temos hoje, que é menor, porém existente em alguns casos. A discriminação no mercado é grande o preconceito vem sempre em primeiro lugar na sociedade, julgando sem saber, condenando a morte só pela cor, a falta de empatia com o próximo evitaria tanta coisa como guerras, mortes, corrupção e entre outras pensamentos egoístas por poder, que não vale de nada.

Palavras-chaves: Mulher Negra. Mercado de trabalho. Diferença racial. Discriminação. Preconceito.

Abstract: That the black woman fought bravely for her rights and still fights, we already know, unfortunately for decades these women have been looking for rights, but they face problems to this day. subjugated by color and gender and the conception that there are upper and lower classes, this is the black woman, always condemned for nothing. The entry of women into the labor market was difficult and to understand the situation we have to review a small historical fact of Brazilian society, which was totally hierarchical and the rigidly differentiated roles that showed the racial difference in the colonial era and even after abolition suffered from the same way to what we have today, which is smaller, but exists

in some cases. Discrimination in the market is great, prejudice always comes first in society, judging without knowing, condemning death just by the cover, the lack of empathy with others would avoid so much like wars, deaths, corruption and among other selfish thoughts for power , which is worthless.

Keys Words: black woman. Job market. Racial difference. Discrimination. prejudice.

INTRODUÇÃO

Hoje em dia temos uma situação melhor do que antigamente é fato, porém não deixa de existir o preconceito racial e o tema que abordaremos fala sobre isso da luta de mulheres para se ingressarem no mercado de trabalho e que até hoje são considerados a minoria no mercado e com a taxa de pobreza maior, isso tudo tem a ver com o passado do nosso país que infelizmente carrega alguns fragmentos. A dificuldade da mulher negra no mercado é gigante pois ainda existe o racismo e esse preconceito sempre estão junto com essas mulheres.

A discriminação racial no mercado de trabalho ainda é presente nos dias atuais, e falar sobre a cultura do país e de como essas mulheres superaram e chegaram a onde estão mesmo depois de gerações serem escravizadas e mortos, hoje é diferente graças a luta de mulheres que buscavam seus direitos.

Este trabalho tem como objetivo orientar pessoas para de que modo saibam o que essas mulheres lutaram e que lembrem de sua luta, servindo como inspirações para as mulheres.

Para inspirar e trazer conhecimento as pessoas, pelo fato que os negros sofreram muito e ainda sofrem por sua cor e já as mulheres por seu gênero que é julgado pela sociedade.

METODOLOGIA

Para o trabalho a metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica que constitui em um processo de levantamento, análise e descrição de publicações científicas de uma determinada área do conhecimento. Ela também é chamada de revisão de literatura, referencial teórico ou fundamentação teórica.

A pesquisa foi feita através da plataforma Google Acadêmico, leitura de artigos e reportagens sobre o tema, bem como o conhecimento sobre o assunto que os integrantes do grupo possuem.

CAPÍTULO 1 – A luta pelo direito da mulher negra

Mulher negra pós abolição e a luta para ingressar no mercado de trabalho.

Que a mulher lutou e luta pelos seus direitos até hoje é fato, mas para entender o tema teremos que voltar um pouco e discutir sobre acontecimentos históricos marcado na época da escravidão brasileira.

Para introduzirmos o tema mulher negras no passado precisamos entender que ela é subjugada duplamente por ser mulher e preta, se para quem era mulher nessa época era difícil, imagina para elas, que levam uma marca racial e a concepção que existem classes superiores e inferiores, isso mostra a diferença não só da melanina presente na pele como um contexto social ligado a discriminação e ao preconceito. Existiam três leis que tornavam a escravidão mais difícil no Brasil, as chamadas:

“Lei Eusébio de Queirós (1850): Proibiu o tráfico negreiro, impedindo que a fonte de novos escravos fosse renovada em território brasileiro; Lei do Ventre Livre (1871): Também conhecida como Lei Rio Branco, determinou que os filhos de escravas nascidos após a promulgação da lei, seriam considerados livres; Lei dos Sexagenários (1885): Também conhecida como Lei Saraiva-Cotegipe, concedeu liberdade a todos os escravos com mais de 60 anos de idade.” (retirado do texto *Escravidão no Brasil – fim da escravidão do Brasil*, publicado pelo site *Brasil Paralelo*).

Em 1888 o ano em que a escravidão chegou ao seu fim pela filha mais velha do imperador Pedro II, princesa Isabel, pela lei áurea em 13 de maio de 1888.

“Boa parte da sociedade tem no imaginário a ideia de uma princesa branca muito bondosa que concedeu a liberdade para pessoas escravizadas, quando na verdade, a luta da liberdade sempre existiu.” (Tay Cabral, ilustradora de personalidades negras, publicado pelo site da UOL).

Segundo Tay Cabral que nos fala de como a sociedade colocou a princesa como a “boazinha” na história, sendo que os negros em toda a época da escravidão lutaram bravamente pela sua liberdade e teve como consequência muita morte pelas suas tentativas, porém a sociedade enxerga que por causa de uma princesa o povo foi “liberto”, tirando todo o esforço do povo. Segundo o site da uol ECOA no texto a abolição não foi dada pelo os brancos, compreende-se que a liberdade veio do povo e tudo graças a ele que forçou o parlamento e a coroa a decreta-la, além do capitalismo que os forçou, pois era um novo tipo de poder

e a monarquia já estava condenada ao fim e mesmo assim não foi o suficiente, agora que todos foram libertos tem a grande questão de como eles viveriam em sociedade e essa inclusão na educação, na saúde, moradia e emprego, imagine o quão foi difícil para o negro ingressar nessas etapas pós abolição, é uma das situações que ainda existem hoje em dia o preconceito ainda está presente, claro, é menor, mas tem.

Agora de forma breve sabemos o que houve antes da abolição, as suas dificuldades e de como isso vai refletir na vida das mulheres.

Nesse período da história podemos imaginar o que aconteceu, os negros tinham a liberdade por lei, porém na prática foi outra, precisavam de emprego pois agora tinham que pagar pela comida e moradia, foi complicada a entrada no mercado de trabalho, cercado de preconceito e desprezo, não mudava muita coisa de certa forma, ainda eram escravos, mas agora da pobreza, escravizados para ter pelo menos o que comer. Com muita luta isso foi mudando, ocupando o espaço no mercado, entretanto as mulheres tiveram mais dificuldades por serem julgadas pela cor e gênero, era comum trabalharem de empregada doméstica e cuidadora, era o que tinha, nesse momento as mulheres eram vistas como cuidadoras, sua preocupação era ser mãe e uma boa esposa, só trabalhavam quando o marido não conseguia pagar as contas e ainda era malvista pela sociedade como se fosse uma humilhação. E além das mulheres negras que continuaram com os serviços pesados nas lavouras, em seguida de estupros e violência no trabalho, mesmo com as suas mulheres brancas em casa.

Temos exemplo que foram honradas essas mulheres de opiniões e com grande força, essas mulheres encantaram o mundo como a determinação da cientista afro-americana Mary Jackson que por sua vez mostrou a coragem de enfrentar seus colegas racistas e fazer histórias como uma das melhores engenheiras da NASA, ou por outro exemplo a madame C.J Walker conhecida como a primeira mulher negra que evidentemente se tornou milionária nos Estados Unidos, uma das maiores empreendedoras da época. E aqui no Brasil tivemos cinco mulheres que ajudaram para o fim da escravidão de acordo com o site da UOL, Dandara dos Palmares que ajudou a organizar lutas em combate ao escravistas, Maria Felipa de Oliveira comandou um levante para evitar de invasões portuguesas pela área, Teresa de Benguela conhecida por “rainha negra” por ter um sistema político tão bem organizado pelo combate que

comandou chamado Quilombo Quariterê, Adelina a charuteira atuava como espiã na associação, clube dos mortos, que escondia escravizados e os libertavam, ela trazia informações dos policiais e escravistas. Todas essas mulheres são fortes, tiveram força e acreditaram naquilo que achavam certo e lutaram muito com o preconceito das pessoas e hoje são exemplos de força e coragem.

Outro exemplo de se admirar é Maria Firmina dos Reis, considera a primeira mulher negra escritora brasileira, escritora das obras, Úrsula - conto, Gupeva - novela, A Escreva - conto e hino da libertação dos escravos - letra de música. Uma fala da nossa heroína, “Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o risco mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor-próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo.” (FIRMINA, Maria, retirado do site UOL, mundo da educação, Maria Firmina dos Reis).

CAPÍTULO 2 – Discriminação da mulher negra no Mercado de trabalho

Há décadas as mulheres negras vêm sofrendo na busca pelo trabalho, são desvalorizadas simplesmente por serem negras, encontrando inúmeros desafios, que estão intercalados ao racismo estrutural e institucional.

Os dados apontam um crescimento do número de mulheres negras alfabetizadas e concluintes do ensino médio. “O índice de analfabetismo entre as mulheres negras é duas vezes maior do que as mulheres brancas” (Segundo uma pesquisa realizada pelo IBGE 2014). Muitas mulheres negras que concluem o ensino médio, tem dificuldade de entrar na faculdade.

“39,08% das mulheres negras estão inseridas em relações precárias de trabalho, fazendo parte também do maior número de pessoas que trabalham sem carteira assinada e recebendo os menores salários.” (Segundo dados da

Previdência Social) Há ausência de trabalhadoras negras em diferentes áreas no mercado de trabalho, como por exemplo, existem poucas no cinema, na medicina, nos bancos, nos cargos políticos e etc.

Muitas Mulheres negras ao irem em busca de um emprego são julgadas pela sua cor de pele, por seus cabelos entre outras características físicas. “Outra barreira é o fato de os Setores de Gestão de Pessoas ou Recursos Humanos das empresas, não estarem aptos tecnicamente para compreenderem a dimensão racial como um entrave para o ingresso de pessoas negras no mercado de trabalho”, (conta Yone no site da contramao.una)

No meio empresarial elas são a minoria, poucas chegam ao cargo de liderança. O preconceito muitas vezes não ocorre de forma explícita e sim de comentários considerados inofensivos, atitudes como essa precisam ser combatidas por todos.

O racismo deve ser enfrentado por toda sociedade, não basta fazer discurso que não somos racistas, precisamos nos posicionar e agir contra toda atitude racista e opressão que tem a sua origem.

Ainda de acordo com Yone, uma ótima solução contra o racismo é derrotar “O silêncio em relação às diversas formas de discriminação racial e de opressão de gênero permite a reincidência. Penso que a questão racial é um problema que deve ser enfrentado por toda a sociedade brasileira e não somente pelo segmento negro. Afinal, não basta as pessoas fenotipicamente brancas fazerem discursos de que não são racistas. Elas precisam se posicionarem e agirem contra todas as formas de discriminação e opressão que têm no pertencimento racial a sua origem” afirma a mesma.

Segundo Viola Davis “A única coisa que separa mulheres negras de qualquer outra pessoa é a oportunidade” então acreditamos que um futuro melhor só é possível com a inclusão, trocando experiências, e inspirando boas práticas, é um dos primeiros passos para que possamos evoluir como sociedade.

CAPÍTULO 3 – Comparação entre a mulher negra e a mulher branca

A mulher negra tende ter uma pequena participação com taxas menores as das mulheres brancas, com isso podemos ver claramente a desigualdade de informalidade.

Isso acontece pela desigualdade racial que se torna uma questão multidimensional, ou seja, a diferença de renda está ligada a educação temos mais mulheres brancas com educação avançada e menos negras.

Dentro desta desigualdade podemos contemplar um número absurdo de desemprego para mulheres, homens negros, no mercado de trabalho.

Podemos ressaltar que o racismo é a raiz sustentada as diferenças nas relações entre negros e não negros e o seu reflexo é percebido em todas as construções sociais, na inferiorização social de corpos negros, em especial das mulheres negras o que garante que as desigualdades se perpetuem sobre a ótica do eurocentrismo, perpetuando a imagem do homem branco no topo da pirâmide, seguido das mulheres brancas.

Mas é importante pontuar que as mulheres brancas sofrem opressão de gênero e as mulheres negras sofrem opressão de raça e gênero isso significa que a visão da desigualdade oprime a mulher negra por sua raça e gênero.

Com isso acontece a exclusão da mulher preta nos lugares seguindo uma lógica de desigualdade social entre homens e mulheres brancos e homens e mulheres negras.

Podemos ver algumas trajetórias da mulher negra no mercado raramente, é marcada por ser privada de acesso e permanência em sua fase escolar.

Exemplo, 2019 na taxa de conclusão do ensino médio em pequena porcentagem meninas negras não concluíram a etapa escolar, dentro desta porcentagem pode se ver uma desigualdade que começa antes mesmo do primeiro emprego formal a qual conseqüentemente acaba refletindo nas melhores oportunidades de trabalho há vendo um ponto prejudicial atividades de desenvolvimentos e em melhores condições financeiras.

As lutas por igualdade e enfrentamentos contra o patriarcado, sobretudo as desigualdades de gênero, fazem parte da história do Brasil, a luta do feminismo contra a opressão de gênero não acolhe as mulheres negras em suas especificidades. É notório a importância de vozes femininas negras estarem reverberando nas últimas décadas e nos mais variados espaços sócios.

Podemos ver a discussão da autora Lélia Gonzalez que discute dois pontos.

O primeiro referente às contradições no interior do movimento feminista brasileiro, e o segundo é relacionado a crítica política que mulheres negras introduziram no feminismo.

"Padeciam de duas dificuldades para as mulheres negras: de um lado, o viés eurocentrista do feminismo brasileiro, ao omitir a centralidade da questão de raça nas hierarquias de gênero presentes na sociedade, e ao universalizar os valores de uma cultura particular (a ocidental) para o conjunto das mulheres, sem as mediações que os processos de dominação, violência e exploração, que estão na base da interação entre brancos e não-brancos, constituísse em mais um eixo articulador do mito da democracia racial e do ideal de branqueamento. Por outro lado, também revela um distanciamento da realidade vivida pela mulher negra ao negar toda uma história feita de resistências e de lutas, em que essa mulher tem sido protagonista graças à dinâmica de uma memória cultural ancestral – que nada tem a ver com o eurocentrismo desse tipo de feminismo." (GONZÁLEZ, Lélia, ano 2000.)

Por fim, é urgente trazer à luz o debate sobre as desigualdades de gênero e raça que as trabalhadoras negras sofrem no Brasil, porém esse debate precisa ser pautado pelo viés histórico, ou seja, compreender que essa realidade é produto de um amplo e complexo processo de reprodução de iniquidades e hierarquias sociais pautadas no racismo estrutural. Pois somente após essa compreensão poderemos avançar no enfrentamento dessa profunda questão, que deve ser enfrentada pelo Estado, o qual possui a responsabilidade pela organização jurídica e social, devendo, portanto, lançar mão de todos os meios que possui para resolver essa questão e assim reparar anos de intensas desigualdades.

"A mulher negra, que é um elemento no qual se cristaliza a estrutura de dominação, como negra e como mulher, se vê, deste modo, ocupando os espaços e os papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão. A "herança escravocrata" sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra. Seu papel como trabalhadora, grosso modo, não muda muito. (RATTS, 2007)." (RATTS, Alex, 2007)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que o grupo teve uma satisfação sobre o trabalho, esse tema foi bem curioso de ser estudado, por ele se tratar de um assunto que muitas das vezes é abafado ou deixado de canto, com certeza nosso objetivo de entender e refletir esse assunto foi muito bem concluído, é um assunto difícil de ser abordado, por que, não estamos no nosso lugar de fala, mas é um assunto que as pessoas sabem que existe a discriminação e não se importam em mudar.

REFERÊNCIAS

Brasil Paralelo. **Escravidão no Brasil**. Disponível em: Escravidão no Brasil Colonial | História, Mitos e Verdades (brasilparalelo.com.br). Acesso em 25/09/22.

CABRAL, Tay. **5 mulheres negras que foram fundamentais para a libertação dos escravos**. Disponível em: Abolição da escravatura: 5 mulheres negras que fizeram parte da luta (uol.com.br). Acesso em> 24/09/22.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. Estudos Avançados, São Paulo, nº 49.2003. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21039-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca-no-brasil.html>

GONZÁLEZ, Lélia. In: WERNECK, Jurema. MENDONÇA, Maisa e WHITE, Evelyn C. O livro da saúde das mulheres negras – nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro, Criola/Pallas. 2000. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21039-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca-no-brasil.html>

RATTS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21039-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca-no-brasil.html>

RODRIGUES, Paula. **Abolição não foi um presente dado por brancos diz brancos diz historiadora**. Disponível em: "Abolição não foi um presente dado por brancos", diz historiadora - 13/05/2021 - UOL ECOA. Acesso em 25/09/22.

Fontes: <https://www.politize.com.br/mulheres-negras-em-cargos-de-poder-no-brasil/>

<https://www.cnnbrasil.com.br/noticias/homens-e-mulheres-negros-ainda-sao-minoria-em-cargos-de-lideranca-no-brasil/>

<https://contramao.una.br/mulher-negra-no-mercado-de-trabalho/>